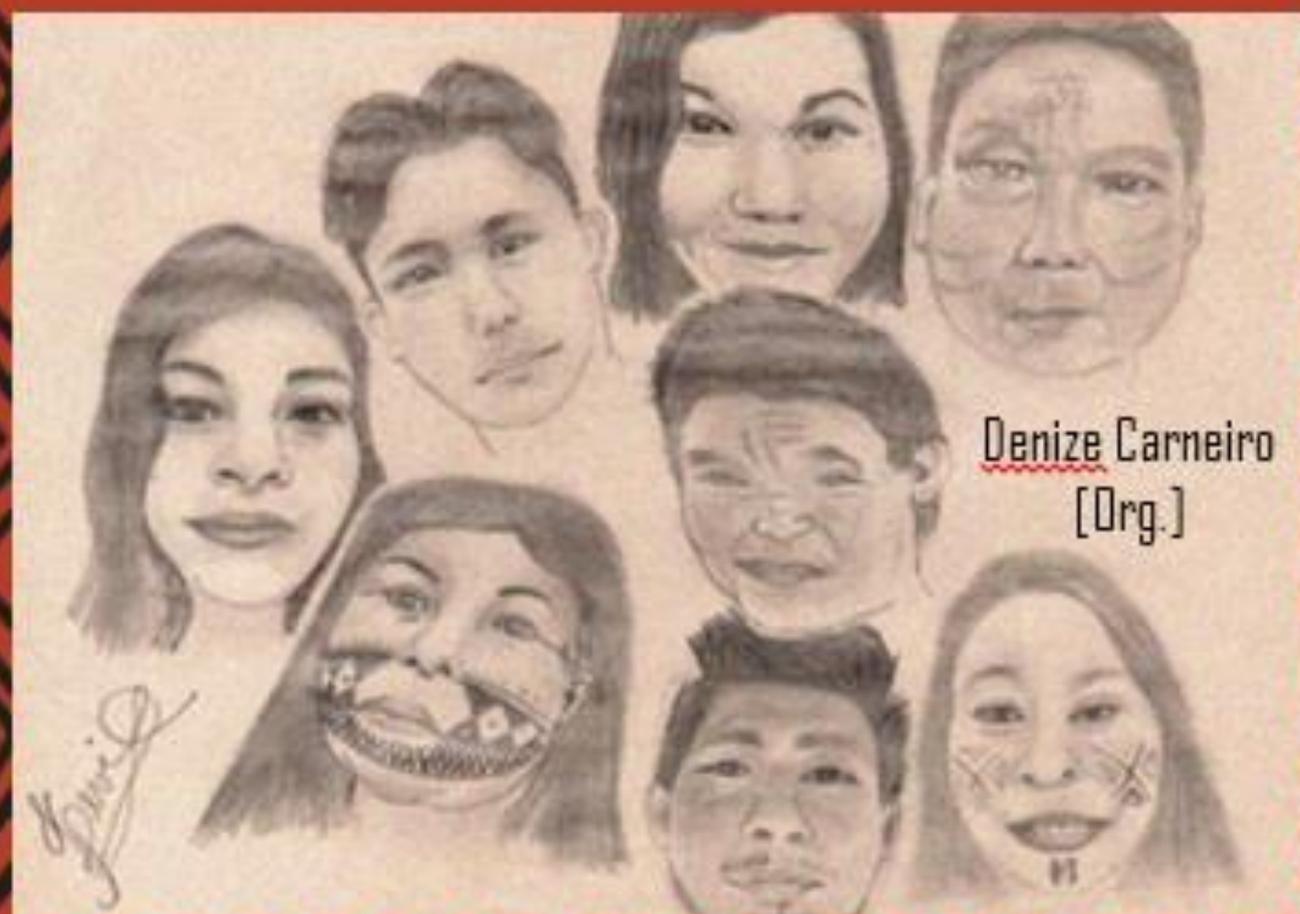


**NÓS POR NÓS: HISTÓRIAS DE VIDA
DE LIDERANÇAS INDÍGENAS**



Denize Carneiro
[Org.]

Organizado por
DENIZE DE SOUZA CARNEIRO

**NÓS POR NÓS: HISTÓRIAS DE VIDA DE LIDERANÇAS
INDÍGENAS**

Santarém

2020

Digitação: Adenilson Paigo Munduruku, Arlindo Manasa Wai Wai, Levin Akay Munduruku, Nete Rodrigues de Souza Way Way, Reslly Caroline Puchu Martins, Sauvelina Waru de Sousa e Rosana Kaba Ribeiro.

Capa: Levin Akay Munduruku.

Fotografias: acervo pessoal dos autores e das lideranças indígenas.

Revisão: Virgínia do Nascimento Peixoto.

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

N897 Nós por nós [recurso eletrônico] : histórias de vida de lideranças /
Organizadora Denize de Souza Carneiro. – Santarém, PA: UFOPA,
2020.
52p.

ISBN 978-65-88512-09-8 (e-book)

Inclui referências.

Formato: PDF.

1. Lideranças indígenas. 2. Amazônia. 3. Munduruku. 4. Wai Wai. I.
Denize de Souza Carneiro.

23 ed. CDD 306.089

Bibliotecário-Documentalista: Bárbara Costa – CRB 15/806

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
I. HISTÓRIAS DE VIDA DE LIDERANÇAS INDÍGENAS MUNDURUKU E WAI WAI	7
1.1 ALESSANDRA KORAP: UMA GUERREIRA MUNDURUKU QUE LUTA PELA VIDA ...	8
<i>Por Adenilson Paigo Munduruku</i>	
1.2 GIOVANI: UM LÍDER POLÍTICO MUNDURUKU	15
<i>Por Reslly Caroline Puchu Martins e Sauvelina Waru de Sousa</i>	
1.3 KARO: UM MUNDURUKU QUE LUTA PELOS DIREITOS DOS SEUS PARENTES	21
<i>Por Reslly Caroline Puchu Martins e Sauvelina Waru de Sousa</i>	
1.4 ALDILO REWATPU: UMA LIDERANÇA INDÍGENA QUE LUTA PELO SEU POVO	24
<i>Por Levin Akay Munduruku e Rosana Kaba Ribeiro</i>	
1.5 AKAY BIRE IBACAT: GRANDE LÍDER!	28
<i>Por Levin Akay Munduruku e Rosana Kaba Ribeiro</i>	
1.6 IRANILDO MANASA, UM GUERREIRO WAI WAI	33
<i>Por Arlindo Manasa Wai Wai e Nete Rodrigues de Souza Way Way</i>	
1.7 JOÃO OLIVEIRA: UM LÍDER WAI WAI QUE ACREDITA NA FORÇA DOS INDÍGENAS	40
<i>Por Arlindo Manasa Wai Wai e Nete Rodrigues de Souza Way Way</i>	
II. OS INDÍGENAS AUTORES	45
Adenilson Paigo Munduruku	46
Arlindo Manasa Wai Wai	47
Levin Akay Birebu.....	48
Nete Rodrigues de Souza Way Way	49
Reslly Caroline Puchu Martins	50
Rosana Kabá Ribeiro	51
Sauvelina Waru de Sousa.....	52

PREFÁCIO

Paula de Mattos Colares

Os textos reunidos no livro “Nós por nós: histórias de vida de lideranças indígenas” nos possibilitam imaginar novas formas de produção de conhecimento no contexto universitário, a partir do trabalho desenvolvido junto a estudantes de grupos minoritários que até bem pouco tempo eram colocados à margem das instituições de ensino superior: os povos indígenas. Buscando narrativas de lideranças e tratando de histórias de vida como objeto de pesquisa, os estudantes Munduruku e Wai Wai compõem a trajetória desses sujeitos, ao mesmo tempo em que nos oferecem uma reflexão importante, da perspectiva das lideranças, sobre temas que se entrelaçam em suas histórias individuais e coletivas, como os impactos socioambientais do garimpo no rio Tapajós; o contato com missionários pelos grupos Karib da Calha Norte; o processo de expansão da escolarização nas aldeias ou o deslocamento para as cidades em busca de estudo ou trabalho; e as expectativas das aldeias com relação aos jovens indígenas nas universidades.

Entre as lideranças escolhidas para o trabalho, algumas são mais velhas, com papéis políticos importantes em suas aldeias; outras são jovens lideranças que atuam como mediadores e articuladores nas relações aldeias-cidades. Muitas delas, não por acaso, estão ou estiveram nas universidades e algumas ocupam cargos em órgãos públicos ligados à política indigenista ou aos setores de educação e saúde.

Além da importante valorização das lideranças indígenas e suas lutas, e de ser uma ferramenta de produção de saberes para os estudantes indígenas na Ufopa, este livro deve ser visto como uma experiência muito exitosa de pensar e executar propostas alternativas de avaliação no meio acadêmico, muitas vezes fechadas numa visão focada em formas canônicas pré-fabricadas – as resenhas, as provas, os seminários, que têm sua importância, mas podem funcionar de maneira engessada e pouco preocupada com os processos de aprendizagem e criação dos estudantes – para trabalhar com a perspectiva da autoria indígena.

APRESENTAÇÃO

Essa obra apresenta textos produzidos por discentes indígenas Munduruku da região do Alto Tapajós, município de Jacareacanga/PA e por indígenas Wai Wai da Terra Indígena Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera/PA. Trata-se de atividades de produção textual em língua portuguesa, realizadas no âmbito das disciplinas Língua Portuguesa I e Língua Portuguesa II, ofertadas no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), ministradas pela professora Denize de Souza Carneiro, no primeiro e no segundo semestre de 2019.

Essas atividades tiveram como objetivo proporcionar a prática da escrita em português a partir de gêneros que fazem parte do cotidiano de indígenas bilíngues (língua indígena e português), tais como o texto narrativo, por meio do qual os indígenas puderam exercer a escrita (e a reescrita) de forma significativa. Assim, foi proposto aos discentes escreverem histórias de vida de lideranças indígenas que admiram e sobre as quais valeria a pena ter um registro escrito, para que os jovens do próprio povo pudessem conhecê-los. Como resultado, foram escritas sete histórias: cinco que narram histórias de vida de lideranças Munduruku e duas que narram histórias de lideranças Wai Wai.

Esperamos que este trabalho contribua para fazer conhecer as histórias de luta e de bravura das lideranças indígenas que aqui serão apresentadas, e para sua valorização, inspirando os jovens indígenas a continuarem essas lutas pela melhoria de vida dos povos indígenas, especialmente, pela proteção dos seus territórios.

I. HISTÓRIAS DE VIDA DE LIDERANÇAS INDÍGENAS MUNDURUKU E WAI WAI



1.1 ALESSANDRA KORAP: UMA GUERREIRA MUNDURUKU QUE LUTA PELA VIDA

Por Adenilson Paigo Munduruku

Narro a história de vida de uma grande liderança indígena, que luta pela vida na terra, por meio da conservação da floresta Amazônica. Trata-se de Alessandra Korap Silva, guerreira da etnia Munduruku, nascida em 03 de março de 1984, na aldeia Praia do Índio, localizada em Itaituba, na Região do Médio rio Tapajós, no Estado do Pará.



Fonte: arquivo pessoal de Alessandra Korap.

Alessandra Korap é a primeira filha de uma família de sete irmãos (3 mulheres e 4 homens). Ela, que não conheceu o seu pai, morava com sua mãe Marileide Korap Munduruku, nascida em 14 de março de 1970, e com seus irmãos. Dona Marileide sempre foi dona de casa, também trabalhava na roça e na pesca, atividades das quais seus filhos participavam. Quando dona Marileide tinha dois anos, sua mãe veio a falecer, ficando ela e seu único irmão na responsabilidade do seu pai, que morava num local chamado “Coceira”, perto da

aldeia Praia do Índio/PA.

Alessandra conta que, na aldeia, sua primeira casa foi construída de cobertura de palha e parede de barro. Em sua lembrança, quando crianças, ela, seus irmãos e uma amiga ajudavam a cavar buracos na terra para retirar barro e fazer as paredes da casa, assim como, outros trabalhos para essa construção.

Ela tem boas recordações dos momentos de pesca no laguinho com um dos seus irmãos. Pescavam um monte de peixinhos, como cará, jejum¹ e traíra. Hoje em dia, isso não é mais possível por causa de um loteamento, chamado *Campo Belo* que fizeram lá, impedindo o acesso dos indígenas ao igarapé, também impedindo de colherem sementes, raízes e frutas. Lembra também, com saudade, dos momentos de subir nas árvores para colher biribá, açaí e de irem atrás de tucumã no mato.

Alessandra tinha uma amiga que estava sempre na sua companhia, colhendo frutas, brincando no rio e divertindo-se com outras brincadeiras que as crianças e adolescentes brincavam e ainda brincam na aldeia. Infelizmente, essa amiga veio a falecer muito jovem por conta de um tumor maligno. A perda da amiga foi um dos primeiros momentos de forte dor que a marcou e ainda a deixa bastante triste.

Diferentemente de sua mãe, Alessandra conseguiu estudar. Ela fez o Ensino Fundamental na Escola Joaquim Caetano Corrêa e o Ensino Médio na Escola Benedito Corrêa de Sousa, ambas localizadas em Itaituba/PA; em seguida, cursou Informática na Escola Tecnológica do Estado do Pará (ETEEPA), também localizada em Itaituba. As matérias (disciplinas) que ela mais gostava eram Sociologia, Filosofia e História. A primeira, porque fazia refletir sobre a realidade e as outras por que mostravam ideias bem interessantes. Porém, ela chama atenção para a leitura crítica dos livros, pois, nem tudo que está contido neles é verdadeiro. Alessandra não simpatizava muito com as disciplinas de Matemática e Português, mas hoje reconhece que ambas trazem conhecimentos muito importantes para a vida.

Nesse período escolar, nossa líder diz que não teve amigos, apenas

¹ Jejum é um peixe parecido com a traíra.

colegas. Amigo mesmo teve somente na infância, referindo-se a sua amiga de infância que faleceu de Câncer.

Alessandra, atualmente, está morando em Santarém/Pará, por conta do seu ingresso no curso de Direito, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Esse ingresso ocorreu por meio do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), no ano de 2019. Ela conta que o interesse por cursar a faculdade de Direito surgiu devido às dificuldades para entender as leis, entendimento necessário porque sempre teve que lutar contra as práticas de madeireiros, garimpeiros e outros empreendimentos que afetam a vida dos indígenas nas aldeias: “Quando o Ministério Público Federal (MPF) ia nas aldeias apresentar leis e decretos [em construção pelo governo], os indígenas, até mesmo eu não entendia”, disse. Isso acontecia/acontece devido ao uso frequente de palavras técnicas desconhecidas pelos indígenas, o que impedia/impede a compreensão. Além disso, ela percebeu que tudo que está na lei foi estabelecido pelo olhar do branco (não indígena): “não foi criado ao nosso favor, o que deve ser discutido e revisto”. Por isso, há necessidade de ter advogados indígenas com preparação para começar uma mudança na forma de fazer justiça no país (ALESSANDRA KORAP, 2019, informações orais).

Por conta da universidade, Alessandra se mudou com sua família para a cidade de Santarém. Ela é casada há 14 anos e tem dois filhos: Gabriel e Marlon Gustavo. Tem ótimas recordações de quando os filhos nasceram, mas viu que ia ter muita responsabilidade e que a vida de mãe seria um pouco diferente de quando era solteira... Agora, tudo que ela faz é pensando neles, é por eles.



Fonte: arquivo pessoal de Alessandra Korap.

Assim, ela procura orientá-los a terem uma vida com valores importantes para viver em sociedade. Diz que a educação e o respeito pelos outros são primordiais. Hoje, os filhos estão estudando nas escolas dos brancos, que é diferente das escolas das aldeias. Na escola da cidade, já viu alunos que não respeitam os professores, não pedem licença. Um dia seu filho chegou em casa contando: "Lá na escola o menino grita com a professora, as coisas são muito estranhas, eles xingam muito". Esses comportamentos presenciados, ela não aceita para seus filhos e diz a eles: "vocês têm que respeitar os professores, os mais velhos e as mulheres. Devem ter respeito pelas pessoas de um modo geral".

Alessandra fala sobre seus pontos fortes. Diz que um deles é saber dialogar com as *lideranças indígenas* e com as *mulheres indígenas*, para articular ações em benefício do seu povo. Diz que elas (lideranças e mulheres) têm muitas coisas para ensinar ainda e gosta de escutá-las, principalmente, por conta das lutas em prol do povo e por causa da educação dos filhos. Diz também que a virtude da coragem e do otimismo é algo que cultiva em si mesma para não desanimar de lutar, porque os indígenas não podem "baixar a guarda", visto que, mesmo lutando constantemente, são sempre atacados. Se pararem, as coisas podem piorar: podem ficar sem terra e serem mortos. Assim, ela é persistente, não desiste de nada, ainda que existam várias barreiras no caminho, procura enfrentar com sabedoria e pedindo a ajuda de *Karosakaybu* ("Deus"), pois, "é Ele que nos segura", diz.

Alessandra fala sobre algumas dessas barreiras, com quais sempre teve que lidar. Trata-se do preconceito, da discriminação, que afeta todo o resto. Diz:

Quando os indígenas estão nos hospitais ou dentro de um banco ou em outras repartições, várias pessoas olham para eles com olhar diferente: com olhar de preconceito. Isso também é forte nas escolas. É muito preocupante, por isso que a gente tem que educar as nossas crianças falando da importância da nossa luta. Os professores também têm que se interessar em buscar mais informações sobre os povos indígenas, porque não conhecem a realidade das aldeias, dos indígenas. (ALESSANDRA KORAP MUNDURUKU, 2019).

Alessandra sempre lutou por justiça e por respeito aos povos indígenas, algo que foi acontecendo naturalmente, levando o seu engajamento no movimento indígena a torná-la uma liderança que hoje representa as aldeias da sua região, o Médio Tapajós, principalmente, no que se refere à demarcação do *Território Sawre Muybu e Sawre Bap'in*.

A sua militância no movimento indígena iniciou em 2014, alavancando uma série de reivindicações, dentre as quais, um bloqueio na entrada da Estrada do Quinquagésimo Terceiro Bis, Itaituba-/PA, para reivindicar o asfaltamento dessa estrada. O bloqueio durou cinco dias, o que levou a faltar combustível, gás de cozinha e suprimentos alimentícios que chegavam ao município de Itaituba por essa rodovia. Não fazia ideia que essa estrada era tão importante para o município. No final do quinto dia sem esses produtos, a prefeita de Itaituba resolveu fazer um acordo com os indígenas. O acordo consistiu em levar uma comissão até Belém para falar com o governador. Lá negociaram começar os trabalhos de asfaltamento no prazo de seis meses, caso contrário os indígenas voltariam a fechar a estrada. Como resultado dessa reivindicação, os trâmites para o asfaltamento da estrada ocorreram dentro do prazo acordado e a estrada foi asfaltada no mesmo ano.

A luta dos Munduruku, tendo Alessandra Korap como protagonista, levou também ao cancelamento de outros empreendimentos que impactariam o modo de vida dos Munduruku, como no caso do rio Cupari, para o qual havia seis projetos de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHS) e também uma hidrelétrica. Mas com muita luta os indígenas conseguiram barrar. Mesmo antes disso, o povo sempre lutou. Por exemplo, contra o megaprojeto da Usina Hidrelétrica de São Luís do Tapajós, que no ano de 2016 os Munduruku conseguiram que fosse arquivado.

Nos anos de 2014 e 2015, nossa líder trabalhou para a prefeitura de Itaituba, assumindo a função de professora na aldeia, mas isso não a impediu de continuar reivindicando melhorias para o seu povo. Não teve medo de ser despedida, pelo contrário, cada vez que conhecia melhor os direitos dos indígenas, previstos na legislação, mais reivindicava. Fazia isso sempre ouvindo os caciques.

Uma vez os caciques falaram sobre o Protocolo de Consulta do povo Munduruku e sobre a sua importância para eles. Nessa época (ano de 2015), os Munduruku estavam na luta contra a Usina Hidrelétrica de São Luís do Tapajós, ou seja, não queriam que fosse construída por conta dos impactos negativos que geraria aos indígenas. Assim, ela foi escolhida para ser a chefe de guerreiras de mulheres Munduruku do Médio Tapajós. No ano seguinte, os Munduruku tiveram outros problemas, agora, com o governo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) e com o Serviço Florestal Brasileiro (SFB) que estavam planejando fazer uma audiência da Floresta Nacional (FLONA) I e II de Itaituba na Câmara de vereadores de Itaituba sem consultar o povo Munduruku, ferindo o direito à consulta prévia. Então, foi o momento do povo se unir e reivindicar o cancelamento da audiência, o que foi obtido pelos indígenas.

Alessandra, mesmo antes de 2014, sempre acompanhou a luta do seu povo. Em 2013/2014 fazia parte do movimento *Ypereg ayu*, associação *Pariri, Da'uk* e nessa época o povo munduruku se aliou aos ribeirinhos, momento em que foi elaborado o *Protocolo de Consulta do povo munduruku* e *Montanha Mangabal*, momento também que ocorreu a autodemarcação da *Terra Indígena Sawre Muybu*, sempre orientada pelo seu tio, agora cacique *Brasilino Painhum Munduruku*, o qual trazia informações sobre os acontecimentos, tanto das dificuldades como das vitórias. Desde o ano de 2015, o povo munduruku obteve várias vitórias, mas continua na luta, pois, como diz nossa líder: “são muitos os problemas causados em nome do desenvolvimento. Um desenvolvimento que nos deixa pobres”.



Fonte: acervo pessoal de Alessandra Korap.

Quando fica com dúvidas, Alessandra pede esclarecimentos e conselhos aos líderes munduruku. Eles são seus professores, especialmente, o cacique Adriano Saw da aldeia Sawre Apompu. Ele conta muitas histórias e a motiva a lutar apesar das dificuldades: “Você não pode desistir tão fácil... Eu acredito em você”, diz o cacique.

Oficialmente, Alessandra se tornou liderança do seu povo em 2016, quando foi escolhida como conselheira local da aldeia Praia do Índio. Em função disso, começou a acompanhar a Saúde Indígena. Em 2017, foi escolhida tesoureira da Associação Indígena e, em 2018, tornou-se coordenadora dessa Associação.

Ela acredita que sua maior força e o que não a deixa ser tomada pelo medo é sua fé em Deus, que é maior do que todos os males.

Seu sonho é que todas as Terras Indígenas sejam demarcadas e que não seja implementado nenhum projeto de mineração, de hidrelétrica ou outro projeto que possa afetar a Amazônia, as Terras Munduruku, o rio Tapajós. Porém, se isso ocorrer, anuncia que a luta vai ser grande e que todos esses empreendimentos vão ser obrigados a serem cancelados.

Nossa líder deixa uma mensagem aos jovens indígenas, alertando sobre a valorização das lideranças indígenas e sobre o protagonismo na luta pelos seus direitos:

Jovens que acompanham a luta estejam sempre à frente, ouçam os velhos por que eles têm muito a ensinar. Participem mais porque é muito importante. Tudo que está saindo do Congresso Nacional afeta a gente. Os jovens não podem desistir jamais. Continuem! A luta está sendo muito grande. Espero que vocês continuem. A gente vai passando, ficando velho. Vocês jovens é que vão continuar a luta! (ALESSANDRA KORAP MUNDURUKU, 2019)

Alessandra também deixa uma mensagem aos não indígenas, pedindo que escutem e respeitem mais os povos indígenas.

Respeitem mais os povos indígenas. Na universidade, ouçam e consultem os estudantes indígenas. Professores que acham que o índio não é capaz... Somos capazes sim! Se o que queremos é ser um Advogado, um Doutor entre outros, seremos porque somos capazes. Têm muitos indígenas que são capazes sim, que estão estudando, mas estão tentando nos barrar... Escutem mais. Respeitem mais. Respeitem, principalmente, os nossos Territórios! (ALESSANDRA KORAP MUNDURUKU, 2019)

1.2 GIOVANI: UM LÍDER POLÍTICO MUNDURUKU

Por Reslly Caroline Puchu Martins e Sauvelina Waru de Sousa

Giovani Amâncio Caetano Kabá Munduruku nasceu no dia 01 de março de 1989, na aldeia Katõ, que fica localizada na Região do Alto Tapajós, município de Jacareacanga/PA. O sobrenome *Amâncio* é originário do seu bisavô e *Caetano* do avô Biboy que foi uma grande liderança e um Cacique muito respeitado (falecido em 2014). É filho de *Hans Amâncio Caetano Kabá Munduruku* e de *Fátima Dace Munduruku*, ambos nascidos na aldeia Kaburuá (Alto Tapajós/PA).



Fonte: foto cedida por Giovani, em 18 de setembro de 2019.

Giovani mudou-se da aldeia para o município de Jacareacanga aos 03 anos de idade juntamente com a família. Na época, ano de 1994, seu pai², Hans Amâncio, disputava o pleito eleitoral pela primeira vez e no auge de seus 23 anos de idade, tornou-se o primeiro indígena da região a entrar na política partidária dos não

² Nascido na aldeia Taperebá localizada no rio Cabitutu/PA.

indígenas a convite da população local, que propôs a candidatura dele para ser representante indígena no poder Legislativo municipal de Jacareacanga. Hans participou de vários movimentos sociais e foi uma das grandes lideranças que batalhou pela demarcação da Terra Indígena Munduruku, em 2000. Também desempenhou um papel importante na melhoria da saúde, da educação e dos Pólos-base voltados para a área indígena. Ele também participou de vários movimentos em Brasília com os parentes de outras etnias na defesa e na luta dos direitos constitucionais dos povos indígenas. Hans não foi só uma representação aos olhos da população, mas foi um grande líder dentro da família que ao lado de sua esposa Fátima, educou seus 05 filhos com esforço e dedicação, contribuindo na construção do caráter de cada um.

Pai de Geovani: Hans Kabá



Fonte: foto cedida por Geovani, em 18 de setembro de 2019.

"Meu pai sempre almejou que um de seus filhos seguisse na carreira política e desse continuidade à luta do nosso povo. E, dentre os 05 irmãos, eu tomei essa iniciativa e até hoje estou na política, assim como fez meu pai. Espero que um dos meus filhos também siga nesse caminho", conta Giovani.

Fátima, sua mãe, sempre foi preocupada com o futuro dos filhos e, principalmente, com a educação de cada um, repassando os conhecimentos adquiridos. Foi uma mulher indígena que morou nos campos e uma das maiores incentivadoras na vida de Giovani para que ele seguisse o caminho de seu avô, um grande cacique do povo Munduruku. No entanto, Giovanni nunca teve a oportunidade de conhecer seu avô, pajé que contava muitas histórias, por exemplo: a origem do povo Munduruku. Giovane relata também que ele era um artista, pois cantava, dançava e produzia artes em cerâmica e tecelagem.

Giovani tem 04 irmãos: Geandria sua irmã mais velha, graduada em pedagogia, que faz parte do quadro modular do Ensino Médio Indígena; Gecicléia Kabá Munduruku, graduada em Letras pela Faculdade de Itaituba (FAI) e exerce função de professora na sede do município; Aldacir Kabá Munduruku que ainda está estudando na Universidade Estadual do Pará (UEPA), mas já atua como professor e, por fim, o mais novo que está concluindo o Ensino Médio.

Giovani cresceu e passou grande parte de sua infância e adolescência entre aldeia e cidade, o que contribuiu para o domínio das duas línguas que fala: sua língua materna, o munduruku, e o português.

Ele descreve a aldeia como um lugar "místico", onde aprendeu os verdadeiros valores de união e de força, observando os trabalhos manuais e outras práticas dos seus parentes. Considera-se privilegiado porque, na infância, conviveu com as grandes savanas, as correntes dos rios e os ventos fortes que balançavam as copas das árvores. A aldeia foi o lugar onde pôde ser criança, onde brincou, tomou banho de rio, subiu em árvores e fortaleceu seus conhecimentos indígenas.

Nosso líder concluiu o Ensino Fundamental e Médio em escola pública, ao lado de seus amigos que o acompanharam em "brincadeiras de meninos", são eles: Rodolfo, Boneco, Gauchinho e Cristiano. Fala que seus professores foram grandes incentivadores em sua vida escolar, destacando a professora Valdecir e o professor Clodoaldo. Concluiu o Ensino Médio em 2009. Dois anos depois, em 2011, surgiu a oportunidade de fazer Ensino Superior, quando os professores da

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), juntamente com as lideranças que estavam presentes na aldeia Sai-cinza, Alto Tapajós/PA, apresentaram a proposta de realização de um Processo Seletivo Indígena, do qual os Munduruku puderam participar. Inscreveram-se nesse Processo Seletivo 11 Munduruku, mas apenas 08 foram aprovados, entre os quais o nosso líder.

Giovani graduou-se em Ciências Humanas, no curso de Licenciatura Intercultural da Ufam/AM em 2016. Atualmente, exerce o mandato de Vereador no município de Jacareacanga.



Fonte: foto cedida por Giovani, em 18 de setembro de 2019.

Ainda em sua juventude, antes da graduação e de se tornar uma liderança indígena, Giovani sofreu muito preconceito e discriminação por parte dos não índios, principalmente dentro da escola. A escola proibia que a língua materna fosse falada dentro da sala e não se permitia a caracterização indígena, como: pinturas corporais e uso de cocares.

Segundo Giovani, o preconceito e a discriminação são históricos e o contato com os brancos impactou negativamente na vida dos Munduruku, conforme suas palavras:

o preconceito e a discriminação estão presentes em todos os espaços”, infelizmente, há muito tempo. Nós Munduruku, antigamente vivíamos em campos, segundo as histórias dos meus avós, nós não tínhamos costumes de residir nas margens do rio Tapajós. Os regatões, comerciantes e brancos chegaram na região por volta dos anos 80, onde teve o primeiro contato conosco. Fizeram com que nós nos deslocássemos do campo para morar nas margens do rio. Foi de imediato os impactos negativos como até mesmo por parte dos parentes que deixaram a cultura, a origem. Por um momento tudo que tínhamos quase se perdeu. (GIOVANI MUNDURUKU, 2019)

Felizmente, os povos indígenas estão reagindo e lutando para reverter essa situação que afetou diretamente seus costumes, sua cultura e tradição desde o início da colonização.

Giovani ainda trabalhou como secretário escolar, professor e diretor. Nesse período iniciou sua vida de liderança, mostrando preocupação com as comunidades indígenas, tendo como ponto forte a perseverança para dar continuidade ao que o pai começou e se tornou uma liderança reconhecida. Atualmente, tem 05 filhos e segue na luta pelos direitos dos indígenas.



Fonte: foto cedida por Giovani, em 18 de setembro de 2019.

Sobre a situação atual do governo brasileiro, Giovani, faz um desabafo:

O que mais me deixa triste é a atitude desse atual governo, Jair Bolsonaro. É um presidente ditador, que não tem respeito por ninguém e nem pela nação, muito menos pelos povos indígenas. Não tem compreensão, só pensa em acabar, tirar, delimitar as Terras Indígenas, tirar os direitos constitucionais tanto na área educacional, território e na área da saúde, tanto é que houve muita repercussão e isso preocupou muito a população logo em que ele assumiu a presidência. Em primeiro momento, entrou com uma Medida Provisória querendo extinguir a Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI). Depois, entrou com outra Medida Provisória, querendo acabar com a FUNAI. Isso deixou a população indígena preocupada... Sabemos que o povo indígena é o povo nativo desse país. São os povos originários, diferente dos brancos, dos negros que chegaram de outra região, então, por isso, merecemos respeito por parte do governo do nosso País. (GIOVANI MUNDURUKU, 2019)

Giovani deixa ainda uma mensagem para os indígenas e não indígenas:

Aos índios, eu quero deixar esta mensagem: peço que o povo continue mantendo sempre essa união para que possamos estar sempre fortalecidos nas nossas lutas em defesa do povo Munduruku. Quero que haja respeito entre nós indígenas. (GIOVANI MUNDURUKU, 2019)

Aos não indígenas: quero que possam ter esse mesmo respeito e consideração com os povos indígenas. Somos amigos. Se formos estudar, desde a chegada dos europeus no Brasil, vamos ver muitas coisas ruins que aconteceram, mas devemos superar isso para seguir em frente, porque hoje somos um único povo. (GIOVANI MUNDURUKU, 2019)

É necessária a união dos indígenas, principalmente, no atual contexto histórico, em que esses povos se encontram ameaçados por esse governo que tem como objetivo acabar com o modo de vida, com a cultura e com os direitos já assegurados na Constituição Federal.

Giovani e as acadêmicas, autoras desse texto



Fonte: Amélia Carolina, durante a entrevista para este trabalho em 08/08/2019.

1.3 KARO: UM MUNDURUKU QUE LUTA PELOS DIREITOS DOS SEUS PARENTES

Por Reslly Caroline Puchu Martins e Sauvelina Waru de Sousa

Lucivaldo Oliveira Karo Munduruku nasceu em 05 de abril de 1983, na aldeia Kaburuá, localizada no Alto do rio Tapajós, Município de Jacareacanga/PA.

Filho de Fabiano Karo Munduruku e Maria Helena Korap Munduruku. Mudou-se ainda bebê junto com a sua família para a aldeia Praia do Manguê, situada no Médio Tapajós perto do Município de Itaituba/PA.

Aldeia do Manguê



Fonte: acervo pessoal de Karo.

Passou sua infância e grande parte da adolescência na aldeia que é moradia fixa de toda a sua família, a qual sempre teve origem humilde e conservadora e que preserva de geração em geração a cultura e os costumes de seus antepassados.

Karo estudou em escolas públicas e terminou o ensino básico no Município de Itaituba, onde teve forte contato com a cultura dos brancos, "*Pariwat*³". Terminou o Ensino Médio na cidade e se formou como Técnico em agricultura, com Especialização em "Vegetais" pela Escola Estadual Técnica de Itaituba. Trabalhou como professor para series iniciais e como assistente administrativo na escola da aldeia Praia do Manguê, onde mora.

³ Palavra da língua munduruku que significa "pessoa não indígena".

Fabiano Karo Munduruku, seu pai, trabalhou em garimpos e em uma fábrica de tijolos e desempenhou o papel de Agente Sanitário Indígena. Atualmente, é o pajé da aldeia Praia do Mangue. Maria Helena Korap Munduruku, sua mãe, é dona de casa e uma grande guerreira da aldeia. De forma amável soube educar Karo e seus irmãos.

Filho de pais semianalfabetos, Karo sempre se demonstrou perseverante e paciente em suas conquistas. Ainda rapazola desenvolveu grande interesse pelos estudos, destacando-se em Biologia, Química e Física. Rodrigo Mello, um amigo, foi seu grande incentivador e orientador nos estudos, o qual fez Karo almejar pelo Ensino Superior. Devido a problemas pessoais, Karo só retomou os estudos 10 anos após ter concluído o ensino básico. Seu pai, grande incentivador e conselheiro, nunca deixou ausente a fé que depositava no Filho, contribuindo para Karo seguir por uma longa caminhada de lutas e vitórias que viriam pela frente.

Em 2013 conseguiu entrar na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) pelo processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), ingressando a princípio no curso de Farmácia, mas no decorrer do curso, fez mobilidade para bacharelado em Biologia. Porém, como consequência de 10 anos sem estudo, enfrentou grandes dificuldades no início da graduação.

Karo tornou-se uma liderança após participar de um estágio na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), com sede em Manaus, que fez ampliar seus conhecimentos em relação às políticas indigenistas voltadas para os movimentos em prol da melhoria dos serviços de Saúde e Educação aos povos indígenas.



Fonte: acervo pessoal de Karo.

De fato, o estágio na Coiab ampliou seus conhecimentos sobre a política indígena e sobre sua relação com o Estado. Essa experiência foi um divisor de águas na sua vida, pois a partir daí começou, de forma efetiva, sua participação nos movimentos de luta pela melhoria do bem viver do seu povo, atuando em pastas como da educação, da saúde, dentre outras. Hoje, Karo é uma referência na luta pelos direitos indígenas. Luta contra as barbáries que afligem os povos nativos, colaborando com reflexões e ações que são definidas pelo movimento indígena da sua região.

Em sua vida pessoal, nosso líder aprecia arte. Gosta de tocar violão, bateria e de desenhar.

Ele deixa uma mensagem aos indígenas que estão na universidade e também deixa um recado para pessoas não indígenas.



Fonte: acervo pessoal de Karo.

Aos indígenas:

A gente tem que aproveitar essa oportunidade como pessoa. Em se tratando da Universidade tem que aproveitar mesmo, as coisas não estão fáceis. O governo atual de 2019 até 2022 é um governo totalmente preconceituoso, que agride a imagem do indígena e, se nós estamos tendo essa oportunidade de entrar na universidade, é para desconstruir essa forma de colonização que foi colocada. Então é para realmente abraçar essas oportunidades que nós temos, e seguir adiante, e não desistir disso (KARO MUNDURUKU, 2019).

Aos não indígenas:

Deixem de ser manipulados e parem de fechar os olhos para as causas não só indígenas. Compartilhem do sentimento de humildade, acho que se adquirissem mais isso, teríamos um mundo melhor. (KARO MUNDURUKU, 2019)

1.4 ALDILLO REWATPU: UMA LIDERANÇA INDÍGENA QUE LUTA PELO SEU POVO

Por Levin Akay Munduruku e Rosana Kaba Ribeiro

Neste texto vamos narrar a história de vida de um líder indígena que teve atitude, força e coragem para lutar em busca dos seus direitos como todo cidadão, também para representar e lutar pelo seu povo, conquistar novos direitos, amenizar problemas e outras questões. Estamos falando de Aldilo Amancio Kabá Rewatpu.



Fonte: acervo pessoal de Aldilo.

Nosso líder nasceu no dia 31 de fevereiro de 1985, em uma Aldeia da Terra Indígena Munduruku, localizada na Região do Alto rio Tapajós, denominada Katõ, que, naquela época, não era tão populosa, mas atualmente vivem lá cerca de 400 famílias, as quais somam uma população de aproximadamente 3.800 pessoas (Informação oral).

O nome "Katõ" é originário da língua munduruku e significa "campo". Na época em que Aldilo morava nessa aldeia, as casas que existiam lá eram todas cobertas de palha, parede de barro, madeira, amarrados com cipó. Hoje, já se observa diversas casas construídas de alvenaria.

Em Katõ, as pessoas se comunicam na língua do povo, em munduruku, uma língua que Aryon Rodrigues⁴ (2013), classificou como pertencente à família linguística de mesma denominação da língua (munduruku), que faz parte do Tronco Tupi. Nosso líder também se comunica em munduruku com seus parentes de etnia, pois é falante fluente dessa língua. Ele também é falante do português, língua que usa para se comunicar com os não indígenas e com os munduruku que não apreenderam a língua dos seus ancestrais.

Aldilo conta que tem boas lembranças da sua vida na aldeia, por exemplo, que tinha uma vizinhança muito legal na época. Eram pessoas que trabalhavam na antiga FUNAI, órgão do qual seu pai fazia parte. Conta ainda que chegou a morar em outros lugares da região, em cidades paraenses, como: Itaituba e Altamira. Em Itaituba, chegou a morar durante 07 anos com seus pais biológicos.

Os pais de Aldilo eram todos da etnia Munduruku. Seu pai nasceu na aldeia Kaburuá, na Região do Alto Tapajós; já sua mãe nasceu em Itaituba no Médio Tapajós. Seus avós paternos nasceram em Macupiri, também no Alto Tapajós. Quanto aos avós maternos, Aldilo não chegou a conhecer, pois eles moravam distantes dele.

Financeiramente, os pais de Aldilo dependiam do artesanato que produziam, dos trabalhos da roça e do salário de funcionário da Funai de seu pai. Eram esses trabalhos que garantiam o sustento da família e lhes permitia viver razoavelmente bem. Porém, quando tudo parecia estar tranquilo, seu pai veio a falecer. Todos da família ficaram muito tristes e sofreram com a sua ausência, mas com passar do tempo foram aceitando a situação.

Devido ao falecimento do pai, Aldilo foi morar com seus avós paternos. Quando ele se tornou jovem, foi escolhido por seu avô para ser uma liderança da aldeia.



Fonte: acervo pessoal de Aldilo.

Aldilo é casado e tem uma filha de 06 anos de idade, seu nome é Roselane. Desde quando sua filha era pequena, sempre fez o possível para educá-la da melhor forma.

⁴ In.: Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB.

Os irmãos de Aldilo também já são casados e todos moram na aldeia. Ele diz que sempre teve o apoio deles em todos os momentos. De recordações que tem de sua família, lembra mais dos seus avós, sobre as longas histórias que eles contavam. Diz sentir muita consideração por seu avô, que foi um verdadeiro pai para ele.

Quanto aos estudos, nosso líder estudou e concluiu o ensino básico na aldeia onde morava. Naquela época, as disciplinas que ele mais gostava eram *Estudos Amazônicos* e *Geografia*, pois tratavam da conservação da floresta e sobre educação ambiental. Nesse período escolar, seu melhor amigo era o jovem Alcindo, que sempre estava ao seu lado para fazê-lo rir, também para brincar, fazer trabalhos juntos e sair para passear. Era um amigo que nunca o deixou ficar desanimado.

Atualmente, Aldilo está cursando Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), com sede em Santarém-Pará. Durante a graduação já enfrentou várias dificuldades. Uma delas foi a sua vinda para Santarém, visto que não contava com recursos para pagar a passagem, porque da sua aldeia para essa cidade é muito distante e caro. O trajeto é: aldeia Katõ – cidade de Jacarecanga – cidade de Itaituba – cidade de Santarém. Porém, ele não desaminou e por ser um católico, teve fé e sempre acreditou que ia conseguir. Afirma que acredita em duas religiões: na religião da cultura do seu povo e também no cristianismo, em função dos ensinamentos da Bíblia.

Esse líder carrega em si cinco coisas: ser sempre persistente e determinado; gerar ideias, isto é, ser crítico; buscar sempre aprender mais; sempre buscar conhecimentos; agir com educação.

Conta que já correu risco de vida, na época em que morava na sua aldeia. Aconteceu quando os garimpeiros invadiram as áreas indígenas no Alto Tapajós, e por ele lutar contra os garimpos ilegais na Terra do seu povo, foi ameaçado de morte pelos garimpeiros.

Seu sonho é possuir um bom conhecimento e honrar os Munduruku, sendo uma grande liderança. Em momentos de lazer procura se distrair, passeando, jogando futebol e encontrando-se com os amigos.

Ele deixa duas pequenas mensagens: uma para pessoas não indígenas e outra para os jovens indígenas.



Fonte: acervo pessoal de Aldilo.

Aos não indígenas:

Eu queria deixar aos não indígenas uma mensagem: somos todos irmãos, não importa se é negro, branco ou indígena, o que importa é abraçar a causa de cada um, principalmente, do objetivo de cada um (ALDILO MUNDURUKU, 2019).

Aos Indígenas:

Eu Aldilo Kabá Munduruku deixo minha mensagem aos jovens: não desistam dos seus sonhos! Sempre tenham fé na vida e nos estudos. A fé vai fazer vocês conquistarem seus objetivos, o mundo (ALDILO MUNDURUKU, 2019).

1.5 AKAY BIRE IBACAT: GRANDE LÍDER!

Por *Levin Akay Munduruku* e *Rosana Kaba Ribeiro*

Para se tornar um grande líder, é necessário ter coragem, ser persistente, ter voz, falar pelo seu povo, diminuir as problematizações e, principalmente, ser responsável, pois, em relação aos povos indígenas existentes, é isso que torna um cacique uma grande liderança.

Um exemplo de liderança do povo Munduruku, do Estado do Pará do Alto Tapajós, é o senhor Antônio Akay Munduruku de 53 anos de idade, que nos deu a honra de contar um pouco sobre a sua trajetória de vida.

Seu Antônio nasceu no dia 02 de setembro no ano de 1965 e foi criado na aldeia Pesquerim. Filho de *Pedro Akay Munduruku* nascido na aldeia *Decojem*, localizada no Alto Tapajós, e de *Iracema Waru Munduruku*, nascida na aldeia *Missão* nas margens do rio Cururu, do povo Munduruku. Antônio tem dois irmãos legítimos, *Creuza Akay Munduruku*, irmã mais velha, e *Lúcio Akay Munduruku*, o mais novo.

Antônio viveu durante muitos anos na exploração de seringa (látex) com seu pai. Começou a trabalhar com apenas 05 anos de idade. Conviveu mais com seu pai Pedro do que com sua mãe Iracema, pois, quando Antônio tinha apenas um ano de idade sua mãe faleceu.

Antônio parou de trabalhar na exploração do látex para trabalhar em uma firma de agricultura. Nessa firma havia muitos aviadores, vindos de várias regiões do país, os quais exportavam os produtos agrícolas. Seu Pedro (pai de Antônio) passou a trabalhar como aviador, na função de ajudante de carga. Na equipe havia mais duas pessoas, um Japonês que era o piloto e um Cearense que era o copiloto. Antônio sempre andava com seu pai nos seus trabalhos, porém, com 08 anos de idade passou a trabalhar sozinho no lugar do seu pai Pedro. E pelo motivo de Antônio viajar muito junto com esses aviadores ele ficou conhecido como Japão, pois o piloto, que era um japonês, passou a tratá-lo como um filho.

Toda a família de Antônio passou a morar nessa firma, em busca de trabalho.

Na mineração moravam seu tio Albertino Akay Munduruku, sua tia Josefa Akay Munduruku e Rogena Akay Munduruku, uma das tias mais novas, e os irmãos Creuza e Lúcio. Todos eles trabalhavam para a Mineração de Agricultura. Para Antônio, nessa época, a escola nunca havia existido, pois a única atividade que exerceu desde a sua infância era trabalhar para sobreviver.

O nome de Antônio foi uma escolha de seus pais. Já seu sobrenome, Akay, faz parte da tradição da cultura do povo, um filho ter o sobrenome do pai e não o de sua mãe. Antônio não chegou a conhecer seus avós maternos, porque eles já haviam falecido desde a época em que Antônio nem havia nascido. Conheceu apenas seus avós paternos, seu avô Brigório Akay Munduruku e sua avó Matilde Saw Munduruku.

Aos 14 anos de idade, passou a trabalhar em garimpo. Decidiu sair da firma, pois já não rendia muito para o seu consumo de vida. O primeiro garimpo em que passou a trabalhar foi o garimpo de *Palmares*, no Alto Tapajós. Trabalhou depois em vários outros garimpos. Trabalhou muitos anos nessa atividade, pois essa passou a ser a única fonte de renda, que mantinha o seu sustento e resolvia suas dificuldades.

Quando Antônio tinha 20 anos de idade descobriu um dom em si. Era o dom de prever doenças e malefícios. O dom que Antônio havia descoberto era o de ser um pajé. Então, assim, ele ajudou várias pessoas.

Logo após essa descoberta, ele voltou para a aldeia onde seu pai morava. Lá próximo havia outra aldeia pequena, chamada Nova Esperança, lugar onde seu pai conheceu Regina Karo Munduruku. Como era solteira e não tinha filhos seu pai decidiu se casar com ela. Tiveram quatro filhos: o primeiro foi Cleonilda Akay Munduruku, depois nasceram os outros três: Cleonildo Akay Munduruku, Cleidiane Akay Munduruku e Elemilda Akay Munduruku. Com o tempo os filhos do pai de Antônio, casaram-se e passaram a morar longe dos seus pais, com as suas novas famílias.

Na aldeia Nova Esperança Antônio tinha um único amigo, ele se chamava Francisco Karo Munduruku, era sobrinho de Regina, sua Madrasta. Francisco também foi o seu primeiro cunhado, pois um dia ele apresentou sua irmã - Jocilene Karo Munduruku - filha de Sabino Karo Munduruku e Luíza Dacê Munduruku para Antônio. Ela já tinha dois filhos, uma menina e um menino, mas Antônio decidiu

conhecê-la melhor. Não demorou muito e ele resolveu adotar os filhos dela e escolhê-la para ser sua companheira. Os filhos de Jocilene eram: Jocivaldo Akay Munduruku de 01 ano de idade e Cleide Akay Munduruku de 02 anos. Como Antônio não tinha um trabalho fixo para sustentar os filhos que havia aceitado como seus, decidiu ir trabalhar novamente nos garimpos.

A mulher de Antônio sempre o acompanhava nos seus trabalhos para todos os garimpos. Um dia, em um dos garimpos, Jocivaldo ficou doente (filho adotivo de Antônio), mas logo parecia que ele estava bem, porém, de um dia para o outro faleceu. Foi um baque! Realmente, uma fase de muita dor para Antônio e sua esposa Jocilene. A dor da morte do filho de Jocilene nem havia passado quando sua filha Cleide também veio a falecer.

Com poucos dias após a perda de sua filha, Jocilene descobriu que estava grávida. Os meses se passaram e logo nascia, na cidade Jacareacanga/PA, o primeiro filho biológico de Antônio. Foi uma felicidade enorme para ele e sua esposa Jocilene. A chegada de uma nova vida amenizava um pouco a dor das perdas anteriores. Deram ao seu primeiro filho o nome de Joelson Akay Munduruku. Esse filho, para Antônio, veio para mostrar que a vida continuava e que ele devia tentar superar a morte dos seus filhos adotivos. A família de Antônio foi crescendo e com Jocilene teve mais sete filhos: Graciene Akay Munduruku, Geraldo Akay Munduruku, Getúlio Akay Munduruku, Débora Akay Munduruku, Joelma Akay Munduruku, Levin Akay Munduruku e Gracilene Akay Munduruku.

Foto da assembleia sobre Projeto de implantação nas Aldeias



Fonte: Foto de Levin Akay Munduruku, em 10 de julho de 2019.

Atualmente, Antônio é cacique da Aldeia São Lourenço e exerce o seu papel como toda liderança. Junto a ele estão os seus vice-líderes: sua filha Graciene Akay Munduruku e seu sobrinho Valquires Poxo Munduruku. Ele já participou e participa de várias reuniões e assembleias.



Fonte: Foto de Levin Akay Munduruku, em 12 de junho 2019.

Além de ser Cacique, Antônio trabalha como carpinteiro, artesão e, principalmente, com o cultivo de Mandioca. Como carpinteiro, constrói barcos e canoas de madeira. Como artesão confecciona paneiros, cestos de palha de tucumã e cipó, remos feitos de madeira, arcos e flechas, colares e pulseiras de caroço de tucumã e caroço de naija. No cultivo da mandioca Antônio produz a farinha para comercialização e para obter o sustento da família.

Foto: Antônio fazendo paneiro de cipó



Fonte: Foto de Levin Akay Munduruku, em 04 de agosto de 2019.

Foto: Antônio fazendo utensílio com palha de tucumã



Fonte: Foto de Levin Akay Munduruku, em 01 de agosto de 2019.

Todos esses saberes que Antônio carrega desde muito tempo, foi seu pai Pedro quem o ensinou.

Antônio teve sempre curiosidade em aprender, mas ele e sua esposa Jocilene nunca tiveram a oportunidade de estudar e, por isso, são analfabetos. Porém, são muito bons em cálculos matemáticos. Aprenderam a contar e a fazer contas, tudo no decorrer da sua vida. O casal tem o sonho de aprender a ler, seria uma grande felicidade para os dois. Por isso, em casa, eles treinam a escrita e a leitura com ajuda dos filhos⁵ e netos.

O Cacique Antônio já não anda muito bem de saúde. Mas ele sempre busca o melhor para sua família e nunca desiste dos seus sonhos nem também dos sonhos dos seus filhos. Ele ainda sonha um dia ver seus quatro filhos formados.

Antônio é considerado um ótimo líder pelos comunitários da aldeia São Lourenço. Como liderança já conseguiu muitos benefícios para lá, como a implantação da escola, poços artesianos, uma casa para a produção de farinha, um transporte para a saúde, um motor de energia, entre outros benefícios para a comunidade. Ele espera ter saúde para continuar buscando o melhor para todos.

⁵ Antônio e Jocilene recebem auxílio para leitura e escrita dos filhos mais novos, pois os filhos mais velhos já são casados e já não apresentam muito tempo disponível.

1.6 IRANILDO MANASA, UM GUERREIRO WAI WAI

Por *Arlindo Manasa Wai Wai* e *Nete Rodrigues de Souza Way Way*

Iranildo Manasa é um líder indígena do grupo étnico Wai Wai. O sobrenome *Manasa* tem origem no nome bíblico *Manásseis*, 14º rei dos Judeus que foi traduzido para língua indígena Wai Wai como *Manasa*. *Iranildo* nasceu em 25 de outubro de 1970, na antiga Guiana Inglesa, na aldeia *Kanaxem* (“Deus ama você”), onde convivia com povos de diferentes etnias, além de seus parentes Wai Wai.



Fonte: *Arlindo Wai Wai*, 2019.

Ele é o terceiro filho do casal *José Tehte Wai Wai* (da etnia Xowyana) e *Marieta Kwaxaxa Wai Wai* (da etnia Mawayana), de um total de seis filhos (cinco homens e uma mulher). José e Marieta eram membros de um grupo de indígena isolados e viviam do trabalho nas roças, da construção de casas e na organização de festas, artesanatos, e também construindo armas de caça como arco e flecha.

Iranildo tem boas recordações de seus irmãos e de sua família. Os irmãos eram sempre amigáveis, ajudavam-se uns aos outros nas tarefas da aldeia, aprendiam a fazer flechas com seus pais e depois brincavam de caçar. Eram crianças humildes, porém felizes socialmente, apesar das dificuldades. Eram muito unidos e ajudavam o pai a construir sua casa. Faziam viagens de acampamento nas florestas, onde eles podiam se divertir em família, tomar banho nas cachoeiras e pescar.

Iranildo não chegou a conhecer seus avós, pois, quando faleceram, ele ainda era apenas uma criança e, por isso, não se lembra deles.

Kanaxem, onde nasceu nosso líder, era a base de evangelização indígena dos missionários americanos, chamada de *Unevangelized Fields Mission (UFM)*. Para lá, os indígenas do Norte do Brasil eram atraídos para serem evangelizados por esses missionários, que não tinham autorização do governo brasileiro, na época da ditadura militar, para evangelizar no Brasil. Além de morar na aldeia Kanaxem, Iranildo morou nas aldeias das Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera, chamadas de: Kasawa, Mapuera, Passará, Santidade e Chapéu. Atualmente, mora em Takara e trabalha como professor.

Iranildo Manasa iniciou seus estudos na aldeia Mapuera aos 10 anos de idade, já que não pôde começar antes porque não havia escola na aldeia. Ele foi um dos primeiros alunos a estudar em uma escola de Ensino Fundamental na aldeia. Seus melhores amigos no Ensino Fundamental eram *Nahtarai* e *Enekawa*. Ele recorda de bons momentos com esses amigos. Eles jogavam bola, pescavam e tomam banho na cachoeira e, de vez em quando, dançavam quando havia festas na aldeia e nos momentos de visita que faziam aos familiares.

Depois, foi cursar Ensino Médio numa escola pública do município de Oriximiná/PA. Suas matérias preferidas eram Ensino das Artes e Educação Física, pois, essas matérias eram as únicas que conseguia entender e também porque gostava de praticar esportes; não gostava das matérias como Português, Geografia e Matemática, ou seja, da maioria. A sua maior dificuldade era mesmo no

entendimento da língua portuguesa, que para ele era como estudar língua estrangeira, era difícil de acompanhar as aulas, mas adorava estudar, pois era uma novidade nas aldeias.

Desse modo, ele quis estudar mais. Em 2014, foi aprovado no vestibular para cursar *Licenciatura em Linguagem e Artes*, na Universidade Estadual do Pará (UEPA). O motivo que o levou a escolher este curso foi seu gosto pelas danças e pelas músicas indígenas, uma maneira de expressar a arte das danças e das músicas indígenas Wai Wai. Também para que as tradições fossem registradas através do seu trabalho. Como gosta de estudar e aprender sempre mais, atualmente, Iranildo faz pós-graduação pela Universidade Educacional da Lapa (FAEL).

Para ele seus pontos fortes são: coragem, determinação e persistência, aspectos que o fizeram superar diversos problemas na vida. Ele relata os problemas que enfrentou durante períodos de seus estudos. Como se casou muito jovem e tinha o peso da responsabilidade em suas costas, algumas vezes pensou em desistir dos estudos para se dedicar à família, visto que se sentia pressionado por seus familiares a viver de acordo com os costumes dos indígenas Wai Wai, por exemplo, o costume de que o pai de família tem que estar preparado para cuidar de sua família, não pode deixar de dar atenção para a esposa e filhos. Mas, às vezes, o estudo tomava o tempo e acabava não dando a atenção desejada. Porém, com o apoio de sua esposa e com o incentivo de seus amigos que estudavam com ele, tentava superar os desafios e continuar os estudos. Sabia que o modo de sobreviver só da roça, da caça e da pesca estava mudando, visto que os Wai Wai já não eram mais povos tão isolados.

Na universidade, Iranildo tinha muita dificuldade para entender o português, além disso, tinha dificuldade com as tecnologias para realizar seus trabalhos, mesmo assim teve de se dedicar aos estudos, e assim concluiu a universidade em 2017.

Para ele, a religião foi fundamental na sua vida e na de sua família, assim como para seu povo. É evangélico desde que sua família adotou o evangelho. O evangelho também foi muito importante para a união dos povos de etnias diferentes que antes viviam como inimigos; o evangelho trouxe a paz entre estes povos. Mas também houve perdas de alguns costumes e rituais. Algumas práticas e rituais eram considerados diabólicos pela missão e, por isso, não eram aprovados pela religião.

O Iranildo Manasa Wai Wai é casado há vinte e nove anos e tem sete filhos: Iranilda, Josana, Joelma, Dione, Arlindo, Lidiane e Cristiane. Para ele os valores importantes devem sempre ser: amar a família em primeiro lugar; ajudar o próximo e, principalmente, ser solidário e respeitar. E para educar seus filhos, costuma dialogar e motivar para que estudem para serem cidadãos preparados e pessoas que fazem o bem.

As pessoas que admira e considera grandes homens e mulheres são: *Gerson Neiten, Paulo Wihki e Eliseu Iraixa*, e também sua esposa *Ediley Eyka*, além dos seus pais que foram fundamentais na sua vida. Para ele, essas pessoas o ajudaram com trabalho nas roças e nas cidades, quando trabalhavam nos campos da cidade, e nas lutas que realizaram por melhores condições de vida para seu povo, bem como a ter seu primeiro emprego fixo, como professor. Além disso, alguns fizeram faculdade com ele (em 2014), e por tudo isso ele sente gratidão por essas pessoas e as considera como sua família.

Iranildo Manasa é modesto, simpático, alegre e determinado. Gosta de dançar e cantar. Deseja viver bem com as pessoas. Acredita que não há nada que possa mudar o mundo em um lugar melhor, pois para ele o mundo já está destruído. Segundo ele, para vivermos bem não deveria existir drogas ilícitas, religião, discriminação racial, ambição do ser humano e desmatamentos desnecessários das florestas.

As coisas interessantes que experimentou na vida foram as viagens que fez pelo Brasil, conhecendo as cidades do Norte, Nordeste e Sudeste, suas participações nos jogos indígenas e nos eventos sobre as culturas indígenas, nas quais foi representando seu povo.

O seu maior medo é de perder sua família e de morrer antes de ser um idoso, o que o impediria de ver seus netos crescerem e de realizar seus sonhos.

Nos seus momentos de lazer costuma ficar com sua esposa, visitar seus vizinhos para conversar durante as noites, visitar seus familiares, sair para pescar e caçar com seus amigos, assistir programas de televisão e ajudar em tarefas domésticas.

Quando criança, Iranildo Manasa correu risco de vida, devido à doença *malária*. Naquela época era muito comum a morte de indígenas Wai Wai por malária, pois não havia remédios e nem postos de saúde adequados para situações de emergência. Iranildo chegou a ficar inconsciente de tanta febre e foi preciso que fosse levado para Belém, porém teve que ir sozinho, sem a companhia de sua família,

apenas com outros pacientes indígenas. Seus pais ficaram muito tristes ao ver seu filho ir sozinho, sem poder acompanhá-lo. Ele ficou na capital algumas semanas até estar curado e voltar para sua família.

Os talentos que Iranildo Manasa tem são os de compor músicas indígenas, tocar flauta, cantar e dançar. Segundo ele, aprendeu tudo somente observando os músicos e os dançarinos da aldeia durante sua infância. Nas festas da aldeia aprendeu com os mais idosos a tocar flauta. Ele tem feito trabalho para ensinar os jovens da aldeia, na disciplina *Cultura e identidade*, na qual trabalha a cultura específica dos indígenas Wai Wai, o que facilitou o ensino dos costumes de seu povo, como: a prática de danças; a prática de tocar flauta.

Iranildo já trabalhou em diversas áreas, quando não tinha um emprego fixo: trabalhou nas fazendas, com artesanatos, como ajudante de pedreiro, coletor de castanhas e atualmente trabalha como professor na aldeia Takara.



Fonte: Arlindo Wai Wai, 2019.

Sua carreira como liderança indígena começou através de sua coragem na luta pelos direitos e pelo desenvolvimento de seu povo. Especificamente, sua trajetória começou quando convocou eleições para cacique geral na aldeia Mapuera. Naquela época, os povos Wai wai estavam insatisfeitos com o cacique, pois ele nada fazia pela educação escolar e pela saúde de seu povo. Era um cacique muito conservador: proibia os comunitários de irem às cidades e terem contato com os brancos e suas culturas e, principalmente, com a língua portuguesa. Essas ideias vinham da missionária americana que atuava como liderança e o cacique apenas administrava a aldeia. A comunidade queria sair do isolamento e ter acesso às escolas e aos serviços de saúde. Por causa disso, Iranildo convocou as eleições com apoio da comunidade para escolha do novo cacique geral. Os candidatos eram: *Wanapero*, *Eliseu Iraixa*, *Katayarî* e *Porohxa* (cacique na época). *Eliseu Iraixa* venceu as eleições com a maioria dos votos e *Porohxa* teve que entregar o cargo de cacique geral. Alguns meses depois a missionária americana voltou para seu país, pois não poderia mais intervir na decisão dos indígenas e no futuro das comunidades indígenas Wai Wai. O ex-cacique geral também decidiu sair de Mapuera, mudou-se para a aldeia Inajá e lá se tornou cacique. Com novo cacique geral a favor no desenvolvimento dos Wai Wai, Iranildo Manasa teve reconhecimento do povo e alguns anos depois foi convidado para fazer parte do *Conselho Indígena Wai Wai*.

Os fatos marcantes foram suas participações diretas na luta por saúde específica ao seu povo, pois, antes se deslocavam a lugares distantes para receberem atendimento da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e Casa de Apoio Indígena (CASAI). Para que seu povo não precisasse se deslocar a lugares distantes, nesse caso para Belém/PA ou para Parintins/AM, Iranildo participou nos movimentos, em Belém, na luta para que o Polo Base da SESAI e CASAI fosse instalado no Município mais próximo da sua Terra Indígena, quer dizer, em Oriximiná/PA. Depois de muitas lutas o povo Wai Wai conseguiu. Hoje, a SESAI e CASAI atende todas as aldeias indígenas dos povos Karib.

Também houve conquistas importantes na educação escolar. A aldeia passou a contar com o Ensino Fundamental completo e também o Ensino Médio, pois antes contava somente com ensino até a 4^o série. Foi uma conquista importante, facilitando o acesso à educação básica.

Iranildo sonha em fazer mestrado e ser aprovado em concurso público, pois seu objetivo é ser melhor professor para seu povo e estar sempre em busca de conhecimento.

No final do relato sobre sua história de vida, Iranildo deixa uma mensagem aos jovens indígenas do Brasil:

Quero dizer que vocês são o futuro e a esperança de seus povos. Hoje em dia, vocês têm acesso às escolas, lugar de adquirir conhecimento, diferentemente dos seus antepassados que não tinham conhecimento dos brancos. Sei que vão enfrentar obstáculos como discriminação por parte daqueles que não confiam na capacidade de vocês, mas tenham fé, acreditem em vocês, não desistem de seus sonhos, aprendam e compartilhem o conhecimento adquirido com seus povos. Nossos povos um dia serão respeitados. Por isso, peço a vocês que estudem para ingressarem nas universidades e para se formarem em medicina, direito, defensores público e professor. Nosso povo precisa ter visibilidade para esse país. Infelizmente, sofremos por parte dos governantes, que desejam e cobiçam os territórios indígenas. Quero que vocês continuem lutando e usando como arma a educação e representando os indígenas de todo Brasil e mostrando a nossa importância. (IRANILDO MANASA WAI WAI, 2019)

Iranildo deixa também uma mensagem às pessoas não indígenas

Aos não indígenas, ribeirinhos e quilombolas e todos os brasileiros: peço respeito aos nossos costumes, aos nossos modos de viver e, principalmente, respeito ao nosso povo. Somos seres humanos iguais a todos e raízes desse país. Chega de desrespeito! Está na hora de nos unir e lutar por um país melhor. Este país se encontra perdido, pois é governado por políticos corruptos e ambiciosos. Quero que o futuro seja diferente, o futuro só existe quando há respeito. Sejam exemplos para as gerações. Digo aos jovens que não sigam o caminho que levem vocês a abandonarem as escolas e suas famílias, a cometerem assassinatos, a caminhos que levem vocês a vícios em drogas e futuros políticos corruptos. O nosso país é grandioso e, por isso, desejo que vocês tenham sucesso, só assim o nosso país terá um futuro melhor. Sejam a esperança para o povo brasileiro! Não sejam a decepção! (IRANILDO MANASA WAI WAI, 2019)

Com essas mensagens de nosso líder Iranildo Manasa terminamos o relato de sua história, a qual buscamos documentar nesse texto. Esperamos que muitos jovens se inspirem na vida desse guerreiro e lutem pela vida e pelos direitos dos indígenas, cidadãos desse país.

1.7 JOÃO OLIVEIRA: UM LÍDER WAI WAI QUE ACREDITA NA FORÇA DOS INDÍGENAS

Por *Arlindo Manasa Wai Wai* e *Nete Rodrigues de Souza Way Way*

João Batista de Oliveira é um líder indígena da etnia Wai Wai. É conhecido como *Icohto*, seu nome indígena, que sua mãe lhe deu em homenagem ao seu falecido avô. O João nasceu em 1960, na aldeia Kanashen (“Deus ama você”), no Sul da antiga Guiana Inglesa, onde viveu até aos 13 anos de idade. Devido à intervenção do cartório, o nome indígena de João não foi registrado, pois não aceitavam nomes indígenas no cartório do município de Oriximiná/PA.



Fonte: acervo pessoal de seu João.

João é filho do casal Raimundo Tamokrana e Joana Macpu. Seu pai Raimundo nasceu no ano de 1924, no rio Mapuera/PA, e seus avós também. Sua mãe Joana nasceu em 1923, no rio Nhamundá/AM, e seus avós também nasceram no rio Nhamundá. Os pais de João eram indígenas e praticamente não falavam nada da língua portuguesa.

A casa em que sua família morava era uma maloca, com cobertura de palha e no seu interior havia duas divisões: uma onde seus irmãos mais velhos dormiam, e outra, onde dormiam João e seus pais. No entorno de sua casa, havia muitas outras famílias que eram seus vizinhos.

Seus pais trabalhavam como agricultores, artesãos e coletores. Seu pai Tamokrana também foi cacique da aldeia Mapuera. João tem cinco irmãos e alguns são líderes em diferentes aldeias do povo Wai Wai. As recordações que tem de sua família são dos conselhos que seus pais lhe davam, como: respeitar o seu povo e anciãos da aldeia e, assim, ser respeitado. Também fala de recordações de seus avós, lembra-se dos carinhos e dos ensinamentos repassados a ele. Lembra-se ainda das histórias dos povos que seu avô lhe contava.

João iniciou seus estudos ainda na Guiana inglesa, onde estudou até seus 13 anos de idade e depois, na aldeia Mapuera, onde concluiu o Ensino Fundamental e Médio. Ele gostava de estudar. Suas matérias preferidas eram a Língua Portuguesa, Ciência, História e Matemática. Com essas matérias pretendia aprender para poder se comunicar em língua portuguesa. Queria conhecer também um pouco de Ciências e Matemática.

Seus amigos de infância eram Arnaldo e Roberto. Ele se lembra das brincadeiras nos intervalos da escola. João estudou somente até o Ensino Básico (Fundamental e Médio) e ainda sonha em fazer Ensino Superior, pois pretende inspirar os jovens a buscar a formação superior. Também deseja o avanço da educação nas aldeias indígenas, para que os jovens tenham o conhecimento.

João fala que enfrentou dificuldades para se expressar por não dominar bem a língua portuguesa e, por isso, deseja que isso não se repita com os jovens da aldeia. Deseja que tenham mais oportunidades, que ele não teve.

Atualmente, João é casado com a Marluce Gomes da Silva. Com ela teve nove filhos, são eles: João Kaiuiri, Jonas Manciki, Darcilene Maaki, Josiane Wosukra, Jeane Silva, Joelson Silva, Jarlison Silva, Janderson Silva, Jhohn Silva de Oliveira.

Ele acredita que a religião foi importante na vida de sua família. Embora ache que a religião tenha contribuído para o desaparecimento de muitos saberes e tradições do povo, como: rituais; pajelança; bebidas típicas da época que eram usadas como as bebidas alcóolicas dos brancos, etc. Apesar disso, reconhece que a religião teve um papel importante, pois, trouxe a paz entre os povos indígenas, acabou com os conflitos frequentes entre eles. O resultado disso foram compartilhamentos de terras entre diferentes etnias, que agora estão vivendo como irmãos.

O líder João valoriza muito os valores da vida, como: sinceridade, honestidade, respeito às mulheres, aos homens, às crianças e, principalmente, aos idosos. Diz que compartilha esses valores com seus filhos para serem pessoas honestas e que respeitem os pais e todas as pessoas, valores necessários para serem respeitados dentro da sociedade.

As pessoas que admira como verdadeiros grandes homens são: ex-cacique Ewka, ex-cacique Tamokrana, cacique Porohxa e o atual cacique geral, Eliseu Rodrigues Wai Wai. Ewka era um pajé que cuidava de seu povo, era muito respeitado, pois cumpria com suas palavras. Depois de aceitar Deus em sua vida o líder Ewka deixou a pajelança. Também foi um grande influenciador para que outros povos fossem convertidos ao cristianismo. Ele lutou pela demarcação da TI Nhamundá-Mapuera. Tamokrana também foi cacique e deu a continuação do trabalho de Ewka, conseguiu algumas conquistas, como: direito de todos os Wai Wai poderem registrar seus nomes indígenas no cartório; direito dos povos participarem das eleições para escolha de governos; demarcação da TI Nhamundá-Mapuera. Porohxa foi cacique depois de Tamokrana, continuou a luta pela demarcação da Terra Indígena e lutou pela criação da Associação dos Povos Indígenas de Mapuera (APIM). Ele também iniciou a luta pela escola de Ensino Fundamental na aldeia, porém conseguiu apenas o ensino Fundamental incompleto. Deu início ainda à luta por melhores atendimentos de saúde ao seu povo. Eliseu é atualmente o cacique geral da aldeia Mapuera. Lutou pela implantação do Ensino Fundamental completo e pelo Ensino Médio modular na aldeia Mapuera. E também lutou pela melhoria dos serviços de saúde ao seu povo, conseguindo a vitória, o polo base da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e a Casa de Apoio Indígena (CASAI), ambas instaladas na cidade de Oriximiná/PA. Participou da luta pela demarcação da terra indígena e atualmente continua a luta

pela proteção do território de seu povo, como também, das lutas pela educação de qualidade nas aldeias e para o acesso ao Ensino Superior.

João Batista se considera um homem muito dedicado e responsável e que tem dever em prol do seu povo. Incentiva seu povo a proteger o meio ambiente e atende cada um da melhor maneira possível, de forma educada e respeitosa, buscando sempre evitar intrigas.

Para ele, o mundo seria melhor se as pessoas comessem a entender que a natureza é vida e, por isso, deve ser respeitada. O homem depende da natureza para existir, mas precisa cuidar dela melhor. A mãe natureza protege o homem, mas também reage às suas ações. Ele fala também da ambição dos políticos pelas Terras Indígenas:

Nossos governantes ambicionam as nossas terras, mas se pudessem conhecer melhor a diversidade da nossa natureza talvez o mundo seria melhor, onde todos pudessem viver sem discriminações, apenas viver com dignidade com saúde e educação. (JOÃO OLIVEIRA WAI WAI, 2019)

Dentre as experiências que João teve, a maior foi ter seus desejos realizados, ou seja, ver a Terra de seu povo homologada, uma conquista da qual participou ativamente para obter.

Seu maior medo é tomar alguma decisão que prejudique seu povo, porque, como liderança, às vezes é necessário tomar decisões difíceis, por isso, esforça-se para fazer o melhor sempre pensando no bem de todos.

Em seus momentos de lazer costuma sair com sua família e com seus amigos para descontrair um pouco dos trabalhos do dia.

João lembra que já teve medo de morrer. Ocorreu quando estava acompanhando a equipe da FUNAI, da qual ele faz parte, fazendo identificação da Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana. Sua equipe sofreu ameaças de morte por populações quilombolas, que estavam bravas, pois, segundo os quilombolas, eles não foram consultados pelos antropólogos e pela FUNAI para a realização do estudo de identificação na região. Depois de se reunirem com quilombolas para dialogar, e após sua equipe pedir desculpas, a situação ficou melhor e os quilombolas pediram para acompanhar os estudos de identificação junto aos antropólogos e tudo ficou mais tranquilo.

Antes de se tornar uma liderança João trabalhou nas firmas das empresas Mineração do Rio Norte e Eletronorte. Atualmente, trabalha na Funai como chefe da Coordenação Técnica local desse órgão, no município de Oriximiná.

A carreira de liderança começou depois de ter lutado pelo seu povo e foi reconhecido e eleito com representante dos povos indígenas Wai Wai. Seu maior sonho é ver seus filhos, que ainda estão estudando, concluírem o Ensino Superior para que possam ser advogados, médicos, professores e enfermeiros. Assim, beneficiando o seu povo, dando retorno e incentivando outros jovens.

○ líder João também deixa um recado para os jovens indígenas.

Olá! Meus filhos e minhas filhas, sobrinhos e sobrinhas que estão estudando nas Universidades de Santarém e de Belém, eu estou torcendo muito por vocês, junto com o nosso povo. Se esforcem, não desistam. Sei que nada nesta vida é fácil, mas Deus está conosco em todos os momentos. Precisamos muito de vocês para lutar pelos nossos direitos e de nossos parentes. Vocês são um orgulho para nós e aqui nós aguardamos por vocês. (JOÃO OLIVEIRA WAI WAI, 2019)

○ líder também deixa um recado aos professores universitários que trabalham com os indígenas.

Olá, gostaria de deixar recado para professores das universidades. Gostaria de falar a vocês com o intuito de animar vocês. Nossos filhos estão estudando aí na universidade.... Sabemos que eles ainda estão se adaptando em seus estudos. Esperamos que estejam bem. Acreditem nos nossos filhos. Eles são capazes de tudo. Nós sabemos que é difícil aprender e entender outra língua que não é nossa. Eles não aprenderam a língua portuguesa desde pequenos. Mesmo assim nós estamos torcendo por eles, para que um dia se formem para voltarem às suas origens, para melhorar as situações de nossas comunidades. Ajudem nossos filhos. Não julguem, não os humilhem, façam com que eles acreditem que ainda há um mundo melhor. (JOÃO OLIVEIRA WAI WAI, 2019)

Com essa mensagem do nosso líder, terminamos o relato da vida de João Batista de Oliveira. Como o líder deseja, esperamos que os jovens se inspirem e se interessem mais em seus estudos e também que respeitem uns aos outros.

II. OS INDÍGENAS AUTORES



Adenilson Paigo Munduruku



Bixewatpu Munduruku é o meu nome indígena e *Adenilson Paigo Munduruku* é o nome registrado no cartório. Sou indígena do povo Munduruku, nascido na aldeia Katõ no dia 08/12/1997. Tenho 22 anos de idade e sou falante da língua munduruku e da língua portuguesa. Sou filho de Nilza Caetano Kaba Munduruku e Erondino Paigo Munduruku, que vivem em Katõ, localizada próximo ao município de Jacareacanga, no Alto Tapajós/PA.

Estudei em Katõ até os 10 anos de idade, na escola *Karo Benpô*. Depois, fui para a cidade de Jacareacanga terminar o Ensino Fundamental na Escola Carmem Valente da Silva e o Ensino Médio na Escola Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso. Cursei o 2º ano e o 3º ano do Ensino Médio no Central Educacional Pan Americano (CEPA) em Itaituba/PA. Atualmente, sou graduando da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), no Curso de Bacharelado em Agronomia (IBEF).

Escolhi esse curso para obter conhecimentos e encontrar outras fontes de renda para o meu povo, pois, diversos Munduruku estão se tornando mão de obra em garimpos, um trabalho de exploração que traz muitos prejuízos ao ambiente e ao nosso povo.

Arlindo Manasa Wai Wai



Meu nome é Arlindo Manasa Wai Wai, nasci em 1998, no Município de Parintins/AM, filho do casal Iranildo Manasa e Ediley Eyka. Iniciei meus estudos ainda na aldeia Mapuera, na Terra Indígena Trombetas-Mapuera, onde morei até os 7 anos de idade, antes de ir à cidade de Oriximiná/PA, em busca de melhores condições de estudo.

Considero-me um sonhador e sempre quis viajar pelo mundo a fora. Descobri esse desejo aos 14 anos de idade, quando ainda estava estudando o oitavo ano do Ensino Fundamental. O fato de ter escolhido o curso de *História* é justamente por querer conhecer o mundo e seus acontecimentos.

Desejo conhecer o passado para compreender o futuro. Uma forma de explorar o mundo é através de estudos históricos, é o que pretendo fazer no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) que estou iniciando agora em 2020. Espero que seja uma trajetória de muito aprendizado e que eu não desanime diante das dificuldades.

Levin Akay Birebu



Meu nome é *Birebu*, no cartório fui registrado por *Levin Akay Birebu*. “Akay” significa “taperebá”, fruto de árvore nativa da Amazônia e “Birebu” significa “nome” na língua do meu povo, Mundurucu. Nasci no dia 20 de agosto de 1999 na aldeia São Lourenço, região do Alto rio Tapajós, Município de Jacareacanga, Estado do Pará-Brasil. Filho de Antônio Akay e Jocilene Karo, ambos do povo Mundurucu.

Cresci falando a língua dos meus ancestrais e por conta do contato com os não indígenas aprendi também a língua portuguesa.

Sempre estudei em escola pública, sendo que o Ensino Fundamental, cursei na Escola *Karobaxewatpu*, situada em São Lourenço, e o Ensino Médio cursei na cidade de Jacareacanga, na Escola Haroldo Coimbra Veloso.

Em 2019, tive a oportunidade de ingressar na universidade. Estou iniciando o Curso de Ciências da Terra, no Instituto de Engenharia e Geociências/IEG, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A escolha por esse curso não foi minha, costumo dizer que foi o curso que me escolheu... Sonhava em cursar Engenharia Florestal, mas devido à limitação de vagas para ele acabei optando por Ciências da Terra. Apesar disso, vejo que os dois cursos têm áreas de conhecimentos relacionadas – elementos da biosfera da terra; uso sustentável da terra; meio ambiente – que sempre me chamaram a atenção e que desejo conhecer.

Nete Rodrigues de Souza Way Way

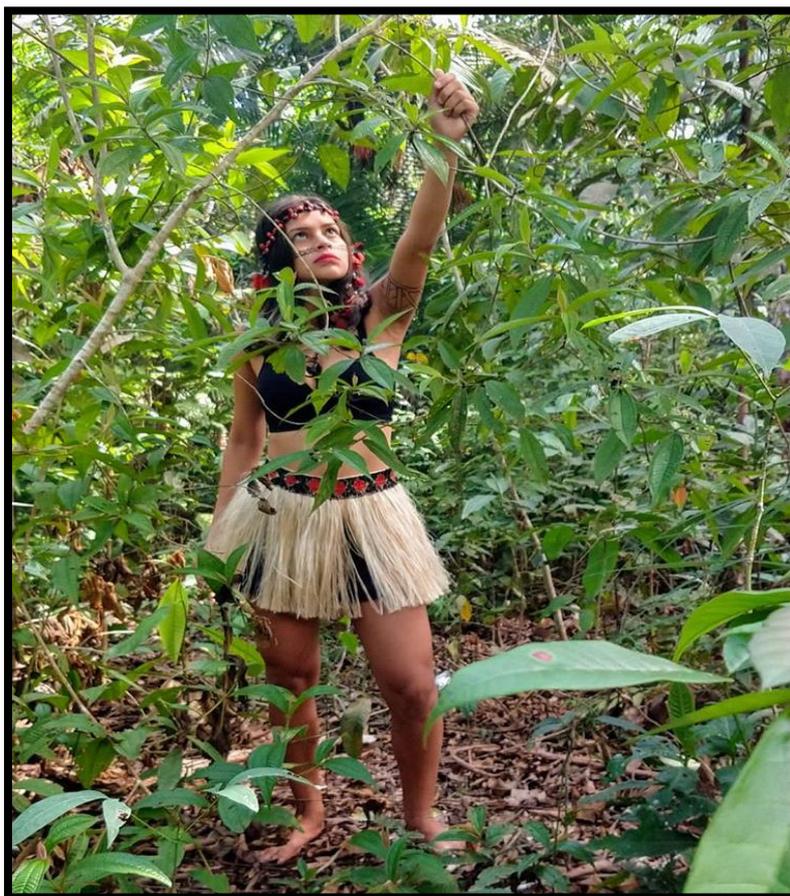


Meu nome é *Nete Rodrigues de Souza Way Way*, tenho 22 anos. Sou natural do Estado de Roraima, Terra Indígena Jatapu do povo Wai Wai, mas fui criada até a fase adulta na aldeia Indígena Mapuera, no Estado do Pará.

Ingressei na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em 2019, pelo Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), para cursar Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Agrárias. Escolhi esse curso porque viver na mãe Terra sem destruí-la é muito importante para nós povos indígenas e quero conhecer os estudos que existem sobre essa área.

Apesar de ter dificuldades em língua portuguesa, que não é minha língua materna, estou conseguindo me expressar: falo, leio e escrevo, mas tenho dificuldade nas palavras técnicas. Desejo alcançar meus objetivos que são os de me formar e levar os conhecimentos adquiridos para as aldeias que tanto precisam.

Reslly Caroline Puchu Martins



Sou *Reslly Caroline Puchu Martins*, indígena da etnia Munduruku, originária da comunidade Barra de São Manoel/Alto Tapajós/PA. Sou filha de Roseli do Socorro Kabá Puchu e Jorge Antônio Alves Martins.

Cursei o ensino básico em Jacareacanga em escolas públicas desse município, mas atualmente, estou morando em Santarém/PA, onde sou discente do curso de Bacharelado em Biotecnologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Escolhi esse curso por me identificar sempre com Ciências Biológicas e também pela motivação dos meus familiares. Por envolver a Biodiversidade, acredito que o curso tem muito a contribuir com minha formação acadêmica, e conseqüentemente, com a sociedade em geral, principalmente, com os povos indígenas, pois os conhecimentos adquiridos poderão colaborar com a conservação dos nossos Territórios, por meio de planos e projetos que pretendo desenvolver com essa finalidade.

Rosana Kabá Ribeiro



Sou *Rosana Kabá Ribeiro (Kaba'un)*, indígena da etnia Munduruku. Tenho 19 anos e nasci na cidade de Jacareacanga/PA. Sou filha de Crescência Kabá Munduruku e de Francisco Gonçalves Ribeiro. Minha família por parte de mãe mora na aldeia Restinga, localizada no Alto Tapajós/PA e, por parte de pai, na cidade de Jacareacanga.

Sempre estudei em escolas públicas, momento em que tive contato com pessoas não indígenas, mas isso não interferiu em minha cultura, pois cresci no meio das práticas culturais do meu povo e carrego essa bagagem de vivência comigo.

Atualmente, sou estudante do curso de Bacharelado em Zootecnia, no Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), na cidade de Santarém. Escolhi esse curso devido à minha fascinação por tudo que envolve a natureza, os animais e o meio ambiente como um todo.

A mudança de cidade foi e continua sendo um dos desafios que enfrento, mas espero conseguir vencer todas as dificuldades e me formar. Vou, junto com os parentes, continuar lutando para que políticas de auxílio à permanência dos indígenas no Ensino Superior melhorem e não sejam cortadas, pois o acesso a esse ensino é um direito nosso, não um favor.

Sauvelina Waru de Sousa



Sou *Sauvelina Waru de Sousa*, indígena do povo Munduruku. O sobrenome “Waru” na minha etnia significa “árvore” e pertence ao clã vermelho. Nasci no município de Jacareacanga/PA, na aldeia Posto Munduruku, localizada às margens do Rio Cururu.

Atualmente sou estudante da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Fui aprovada em primeiro lugar no Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) para cursar Bacharelado em Direito.

A motivação por esse curso começou no trabalho da minha mãe, na Câmara de vereadores de Jacareacanga. Desde muito nova, sempre estive presente assistindo as reuniões sobre as tomadas de decisão para o município (referentes aos direitos da população). Com o tempo, despertou em mim o interesse por temas como: leis, direitos, deveres, justiça, injustiça, dentre outros. Isso me fez perceber que a área da advocacia é muito necessária para os povos indígenas que precisam de pessoas que conheçam as leis e os defendam, então, decidi cursar *Direito* para que, no futuro, possa ajudar meus parentes.

